

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

Diretor: Reitor MURILO GUIMARÃES
Diretor-Assistente: Prof. NEWTON SUCUPIRA
Secretário: Prof. CÉSAR LEAL

CONSELHO CONSULTIVO

Prof. *Aluizio Bezerra Coutinho*
Prof. *Cecília Maria Domenica Sanioto Di Lascio*
Prof. *Evaldo Bezerra Coutinho*
Prof. *Francisco de Albuquerque Barbosa*
Prof. *Guilherme de Albuquerque Martins*
Prof. *José Cavalcanti de Sá Barreto*
Prof. *Gilberto Osório de Andrade*
Prof. *Luiz Ferreyra dos Santos*
Prof. *Lourival Vilanova*
Prof. *Arnaldo Barbalho*
Prof. *Maria do Carmo Tavares de Miranda*
Prof. *José Lourenço de Lima*

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Prof. *Luiz Delgado*
Prof. *Gláucio Veiga*
Prof. *Nilo Pereira*

LOURIVAL VILANOVA

Professor Titular de Teoria Geral do Estado e de Filosofia do Direito nos cursos de Pós-Graduação da UFPe. Autor de numerosos ensaios sobre temas filosóficos e literários.

LEÔNIDAS CÂMARA

Professor de Teoria da Literatura da Universidade Católica e de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia do Recife. Poeta e crítico literário.

CASSIANO NUNES

Poeta e crítico literário, professor de Teoria da Literatura da Universidade de Brasília. Ex-professor-visitante em numerosas Universidades alemãs e norte-americanas.

CLÁUDIO SOUTO

Professor Titular de Sociologia Jurídica da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Ciências Jurídicas.

CÉSAR LEAL

Poeta e crítico de poesia. Professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco.

ROBERTO CAVALCANTI

Professor de Economia dos cursos de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPe. Mestre em Ciências Econômicas.

ÂNGELO MONTEIRO

Poeta, estuda Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco.

Teoria das Formas Sintáticas

(Anotações à margem da teoria de HUSSERL) *

LOURIVAL VILANOVA

1. Gramática empírica e gramática pura

O nível das formas de significação, que simplesmente tendem a evitar o sem-sentido, dá margem ao estudo que é a gramática. Trata-se de uma gramática não-empírica. A gramática como ciência empírica é função das linguagens naturais. Tantas são as linguagens, tantas serão as gramáticas. O idioma, realmente falado ou escrito, tem sua morfologia e sua sintaxe próprias. E ainda que grupos de idiomas acusem semelhanças, isto fundamenta uma gramática empírica comparada, e, em último grau, uma gramática geral. O método comparativo-generalizador pode levar ao nível abstrato de uma gramática de todos os idiomas, incidente no denominador comum a qualquer idioma concreto. Categorias morfológicas como substantivo, verbo, adjetivo, etc., seriam funções constantes de qualquer língua evoluída, variando sua topologia na frase, sua construção sintática. Mas, essa gramática, assim elevada ao nível abstrato de uma gramática universal, seria uma teoria geral de nível *empírico*. (1) Não seria uma gramática pura, no sentido husserliano. Creio que ainda uma distinção se impõe. Qualquer linguagem tem um núcleo necessário, tem o mínimo de uma linguagem qualquer: sua essência. É um sistema de sinais expressivos, com sua forma interior de construção, destinado a fixar significações numa comunidade inter-subjetiva. Qualquer linguagem há de ser portadora de significados, e ser um meio de comunicação: universo-do-discurso inteligível e universo-da-comunicação, são-lhe inerentes. Ora, é a redução fenomenológica que nos dá